

OPINIÃO

EDITORIAL

Indicadores inflam o otimismo

A economia brasileira continua a gerar boas notícias, proporcionadas por uma consistente reativação. Por exemplo, pela segunda vez a Confederação Nacional da Indústria (CNI) refaz sua estimativa de crescimento do setor industrial em 2004. No início do ano, a entidade estimava que o PIB industrial crescería 4,5%; em abril, a taxa foi corrigida para 5%. Ontem, a CNI divulgou nova revisão: a indústria brasileira encerrará o ano com expansão de 6%. Trata-se de uma estimativa e poderá, ou não, se concretizar. Da mesma forma, o resultado final poderá ficar acima da expectativa, mas, como a base de comparação é baixa, o grande desafio será manter o crescimento em 2005.

A estimativa mais otimista da CNI baseia-se no comportamento excepcional das exportações e na reativação do mercado interno, fatores que têm levado a indústria a operar quase que com a plena utilização da sua capacidade produtiva. De fato, segundo a 152ª Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação, divulgada pela

Fundação Getúlio Vargas (FGV) na semana passada, o uso da capacidade instalada atingiu, sem considerar ajustes sazonais, o nível de 84,2% em julho, maior ocupação desde abril de 1995, quando chegou a 86%. Para o mês de julho, o resultado deste ano somente é inferior ao registrado em 1980, ano em que a sondagem mostrou utilização de 85%. Em julho de 2003, o índice de capacidade utilizada ficou em 80,4%. Com ajuste sazonal, o uso de capacidade pela indústria bateu em 84,1% em julho; o nível mais alto registrado desde abril de 1995, ou 85,3%.

Ainda segundo a FGV, no setor de bens de capital o uso da capacidade alcançou 81,9%, em comparação com 79,1% em abril deste ano, mês em que foi realizada a pesquisa anterior, e com 71,2% em julho do ano passado. Na área de bens intermediários, as fábricas operavam, em julho, com 86,9% da sua capacidade, na comparação com 87,2%

em abril e com 86,2% em julho de 2003. No segmento de bens de consumo, o uso da capacidade se elevou de 75,7%, em abril, para 80,4%.

Também convém observar que em vários segmentos o uso da capacidade está acima da média dos últimos 10 anos, entre eles a indústria têxtil (90,3%), celulose, papel e papelão

(95%), borracha (93,2%), metalurgia (92,2%), mecânica (85,3%), química (83,5%) e madeira e mobiliário (83,4%).

Também as estatísticas da Federação das Indústrias do Es-

tado de São Paulo (Fiesp) mostram que as vendas reais da indústria paulista vêm crescendo neste ano. Segundo a entidade, em junho o crescimento foi de 32% em relação ao mesmo mês do ano passado. Na comparação com o primeiro semestre do ano passado, a expansão foi de 22,4%. Esse é o melhor resultado para um primeiro semestre desde 1999. Em comparação

com o mês anterior, as vendas industriais aumentaram 1,9%.

Dentre os setores voltados para o mercado interno que mais se destacaram encontram-se o de papel e papelão, com alta de 3,4% em junho na comparação com maio, e o de química, com expansão de 3,6% no mesmo período. As exportações da indústria paulista também continuam em ritmo acelerado. Em junho, cresceram 8,4% em relação a maio e 55,3% em comparação com o mesmo mês do ano passado. O impacto vem de setores como produtos alimentares, que registraram alta de 5,1% em junho, e materiais de transporte e mecânica, com expansão de 3,2% e 2,1%, respectivamente.

Mas não é só a indústria paulista que comemora bons resultados das vendas externas. No mês passado, as exportações globais brasileiras somaram US\$ 8,99 bilhões e geraram superávit comercial de US\$ 3,48 bilhões, pois as importações situaram-se em US\$ 5,51 bilhões. Com essa performance, o País acumula nos sete primeiros meses do ano exportações

no valor de US\$ 52,298 bilhões, importações de US\$ 33,769 bilhões e superávit de US\$ 18,529 bilhões.

A corrente de comércio (exportações mais importações) computada nos últimos 12 meses terminados em julho bateu em US\$ 141,68 bilhões. Essa é a primeira vez na história do comércio exterior brasileiro que o somatório de vendas e compras externas ultrapassa a marca de US\$ 140 bilhões. O governo mantém a meta de superávit na balança comercial de US\$ 28 bilhões neste ano.

Contudo, a brilhante performance até julho já induz agentes econômicos privados a refazer seus cálculos. Por exemplo, os economistas do Bradesco projetam que o resultado deste ano poderá alcançar US\$ 32,7 bilhões, com expansão de 27,8% das exportações, que atingiriam US\$ 93,4 bilhões, e crescimento de 25,7% das compras externas, que somariam US\$ 60,7 bilhões.